

Impactos do isolamento social nas crianças em idade escolar¹

Alessandra Dilair Formagio Martins²

 <https://orcid.org/0000-0001-8653-8407>

Juliana Bergantin Gessoli³

 <https://orcid.org/0000-0002-5299-9798>

Resumo

A pandemia de Coronavírus trouxe diversas alterações, decorrentes do isolamento social, nas dinâmicas relacionais tanto no contexto familiar como no educacional. A partir dessas questões, este trabalho apresenta como objetivo identificar possíveis impactos nas crianças em idade escolar causados pelo confinamento social imposto pela pandemia. Como metodologia utilizou-se questionário *online* aplicado aos pais ou responsáveis pelas crianças, com uso do *Google Forms*. As análises sustentam-se na teoria histórico-cultural proposta por Vigotski. Concluiu-se que crianças em idade escolar desenvolveram alterações emocionais e comportamentais devidas a alterações na rotina e no comportamento de familiares.

Palavras-chave: Problemas psicológicos infantis; Desenvolvimento infantil; Pandemia; Isolamento social.

Impacts of social isolation on school-age children

Abstract

The Coronavirus pandemic brought several changes in relational dynamics both in the family and educational context, resulting from social isolation. Based on these questions, this work aims to identify possible impacts on school-age children, caused by the social confinement imposed by the Covid-19 pandemic. The methodology used was through online survey from Google Forms, scientific articles and cultural historical theory from Vygotsky. Concludes that children in school age developed emotional changes and behavioral due to changes in the routine and behavior from family members.

Keywords: Children's psychological problems; Child development; Pandemic; Social isolation.

¹ Agência de fomento PIBIC.

² Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Itu, alessandra.formagio@bol.com.br.

³ Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Itu, ju_bergantin@hotmail.com.

Introdução

Com a chegada da pandemia do Coronavírus no Brasil e o rápido aumento do número de casos, os governadores dos Estados decretaram o sistema de quarentena, iniciado pelo encerramento de atividades presenciais nas escolas e também nas empresas. O comércio nãoessencial também foi fechado, com o intuito de criar uma situação de distanciamento social.

O enfrentamento da crise da Covid-19, que atingiu todo o planeta, exigiu esforços de várias áreas, inclusive da Psicologia. O principal método adotado em diversas regiões do país e do mundo – e bastante discutido quanto às suas consequências e eficácia para o controle da doença – foi a quarentena, que provocou impacto imediato na saúde mental das pessoas, já que adversidades não habituais surgiram em suas vidas.

A quarentena separa e restringe a circulação de pessoas expostas a uma doença contagiosa, com o intuito de reduzir o contágio, a utilização dos serviços de saúde e o número de óbitos. O distanciamento social é uma tentativa de esforço consciente para reduzir o contato e aumentar a distância física entre as pessoas – com a finalidade de diminuir a velocidade de contágio do vírus –, utilizada em uma situação de emergência de saúde pública, que gerou muitas críticas e controvérsias nas diversas esferas da sociedade. No entanto, o distanciamento social gera a sensação de isolamento e privação de liberdade (FARO et al., 2020).

Durante a pandemia, o isolamento social proporcionou às pessoas expostas uma carga elevada de experiências e emoções negativas, o que causou impactos na saúde mental. A privação do contato com amigos e familiares, a incerteza do tempo de distanciamento, o tédio e o medo podem gerar transtornos mentais, como ansiedade, depressão e até mesmo indícios de comportamento suicida. Dessa forma, a Psicologia é de extrema importância no cuidado da saúde mental de toda a população, durante e após a pandemia (FARO et al., 2020).

Diante dessa situação, ocorreu uma rápida mudança de vida, e famílias passaram a ter uma rotina em comum: o confinamento dentro de suas próprias casas. As escolas tiveram que

propor uma nova modalidade de Ensino a Distância (EaD) – síncrono e remoto – e tanto as instituições públicas quanto as particulares passaram a disponibilizar o conteúdo para as crianças através de vários tipos de aplicativos, a fim de possibilitar a continuação do aprendizado, tanto na Educação Infantil quanto no Ensino Médio. Esse formato de ensino trouxe à tona uma série de problemas, como dificuldades de acesso à internet e aos recursos eletrônicos e de adaptação de crianças e profissionais da área; os pais somaram tarefas e ficaram também responsáveis pelo ensino dos filhos.

Com o recesso das aulas, as crianças deixam de ter convívio com os colegas e os educadores, que possuem papel determinante no aprendizado; sem os devidos estímulos, as crianças também deixam de aprender conforme o desejado – esses são alguns dos prejuízos decorrentes da quarentena observados nas crianças em idade escolar.

A educação a distância requer adaptações estruturais e curriculares para incorporação de recursos tecnológicos e de comunicação e, ao mesmo tempo, priva as crianças de relações próximas e experiências concretas vividas em espaço compartilhado (LINHARES; ENUMO, 2020).

Durante a pandemia, a informática ocupou papel primordial no aprendizado infantil, como principal ferramenta para o ensino e aliada da escola nesse momento de distanciamento social, ao lado da família, que é responsável por transmitir ao indivíduo valores morais, afetivos, éticos e religiosos, o que permite a modelagem da subjetividade e promove as primeiras formas simbólicas de integração social (SETTON, 2002).

Ao considerarmos diferentes níveis sociais, pensamos nas dificuldades que pessoas com menos recursos têm para acessar a escola através da tecnologia – devidas à falta de acesso à internet ou à tecnologia adequada para prosseguir no aprendizado –, o que poderia gerar também sua exclusão e refletiria ainda mais em possíveis danos psicológicos nas crianças (ALVES; MANCEBO, 2006).

Com o isolamento social, o indivíduo restringe as oportunidades de formar sua subjetividade, já que nessa situação possui contato com outros indivíduos apenas através da tecnologia, e a subjetividade é construída de modo singular pela interação com pessoas

(MORAES; SILVA, 2006).

A subjetividade significa todo o processo de construção de experiências da pessoa – que acontece individual, coletiva ou institucionalmente –, e torna-se produto do coletivo, do ambiente familiar, da mídia, das artes, da multiplicidade.

A criança em idade escolar já consegue entender que a situação da pandemia é algo anormal. Além de receber muitas informações da mídia sobre o Coronavírus, recebe também orientações da escola – adequadas para sua idade – a respeito da pandemia, e nota que repentinamente deixou de participar da sociedade, de conviver com outras crianças e os parentes próximos.

Como consequência da quarentena, as crianças podem desenvolver no futuro dificuldades para interagir com seus pares, pois se tornam dependentes dos adultos até mesmo para atividades recreativas, o que indica risco de ajustamento escolar após a pandemia (SANTOS et al., 2015).

A teoria histórico-cultural

A teoria do autor soviético Lev Semenovich Vigotski, segundo Bock (1999), apresenta como tema central de discussão o papel das interações com o outro no desenvolvimento das funções tipicamente humanas, por isso a escolha dessa matriz teórica como base para análise dos dados da pesquisa, em busca de compreender quais as implicações do isolamento social no desenvolvimento dessas crianças.

De acordo com Lucci (2006), a teoria de Vigotski defende que o desenvolvimento cultural do ser humano é feito por meio da apropriação de instrumentos externos – especialmente a linguagem – que promovem mudanças nos indivíduos. Ainda de acordo com esse autor, o homem é um ser histórico-cultural. A atividade mental do indivíduo, mediada por instrumentos e signos, é resultado da aprendizagem que se dá por meio do convívio social, da imersão na cultura e das relações sociais.

A linguagem é o principal instrumento no desenvolvimento das funções psicológicas

superiores, e compreende várias formas de expressão: oral, gestual, escrita, artística, musical e matemática. A origem e a formação dos processos psicológicos superiores é social. Vigotski considera que a aquisição da linguagem é o momento mais significativo do desenvolvimento cognitivo do indivíduo (LUCCI, 2006).

A psicologia sócio-histórica proposta por Vigotski (2007) tem como ponto de partida para o desenvolvimento do indivíduo duas linhas diferentes: a) processo elementar, ou seja, a base biológica – são funções psicológicas elementares, presentes nas crianças e nos animais, ações involuntárias (reflexas) e reações imediatas (automáticas); e b) processo superior, de origem sociocultural, ou seja, aspectos presentes apenas no homem, e que se caracterizam pela intencionalidade das ações, resultantes das interações entre fatores biológicos e culturais.

Vigotski (2007) considera que as funções psíquicas são de origem sociocultural e resultam da interação do indivíduo em seu contexto cultural e social. Dessa forma, para explicar o comportamento humano, precisamos levar em consideração as condições biológicas e suas modificações diante das relações socioculturais.

O desenvolvimento humano, de acordo com essa teoria, acontece, em todas as etapas da vida, por meio de interações sociais, vistas como desenvolvimento histórico e não simplesmente interpessoais. As atividades sociais do ser humano não são apenas interações sociais (ARAÚJO, 2006). É a partir do choque entre os aspectos elementares (organismo) e o ambiente externo mediado pelo outro e resultado de uma adaptação ativa ao meio que as funções psicológicas superiores se desenvolvem, ou seja, segundo Martins (2013, p. 45), “a princípio as funções psíquicas superiores manifestam-se na vida coletiva para depois aparecer na própria conduta da criança”.

De acordo com a teoria de Vigotski (2007), o desenvolvimento não se restringe a fatores hereditários, mas cada criança tem a oportunidade de desenvolver suas próprias aptidões, ao entrar em contato com outros seres humanos através da comunicação, da imersão em uma cultura construída historicamente através dos signos – dessa forma, o aprendizado tem condição básica de acontecer.

Outro aspecto relevante na teoria de Vigotski (2007) é o brincar, que adquire função

importante no desenvolvimento infantil. O autor considera que a brincadeira é uma atividade que acontece entre a criança e um adulto ou pessoa mais experiente que ela e que a criança não nasce sabendo brincar, mas aprende na vivência significada com o outro. O brincar é a atividade principal da criança e, desse modo, é brincando que ela aprende a brincar. Assim, apropria-se da atividade humana que a rodeia e provoca o desenvolvimento dos processos psíquicos e das particularidades psicológicas de sua personalidade (ARAÚJO, 2006).

Possíveis alterações nas relações provocadas pela situação de isolamento social

Durante o isolamento social, os pais – sobrecarregados com tarefas acumuladas e afazeres domésticos, além do trabalho em domicílio ou mesmo a carga de se expor à situação de risco frente à pandemia para se deslocar até o local de trabalho – têm ainda a preocupação extra de como sobreviver, muitas vezes com salários reduzidos ou desemprego, que cresceu devido à redução na atividade econômica do país. Durante o período de quarentena, os pais não podiam contar com a rede de apoio – escolas, creches, avós – da mesma forma que contavam antes da pandemia, o que dificultou o compartilhamento do cuidado com as crianças.

As crianças ficaram expostas a vários tipos de cargas negativas, como ambiente doméstico modificado, medo do novo vírus e alteração na rotina, e não podiam mais frequentar a escola nem mesmo visitar parentes e amigos.

Toda essa carga emocional podia gerar, na maior parte da população, um nível muito elevado de estresse, já que as prioridades do momento eram o sustento da família e também a proteção contra o vírus.

No ambiente familiar estão presentes elementos essenciais para o equilíbrio das relações afetivas entre familiares e para o desenvolvimento e a aprendizagem das crianças. Dessa forma, o adulto atua de modo a torná-las autônomas – ele promove a sobrevivência e a integração social, funções primordiais no desenvolvimento de crianças de 0 a 6 anos (COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2020).

Quando a criança vivencia adversidades por um longo período de tempo sem amparo de

um adulto pode ter o desenvolvimento saudável do cérebro e de outros sistemas do corpo interrompido, o que aumenta o risco de uma série de doenças – a essas vivências dá-se o nome de estresse tóxico (COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2020).

Estudos indicam que crianças expostas a contextos estressores por um longo período de tempo apresentam aumento no nível de cortisol, o hormônio que regula o estresse, em comparação a indivíduos que não vivem esses contextos. Alterações nos níveis de cortisol podem afetar o sistema imunológico e o sistema nervoso, ambos ligados à emoção, à memória e à aprendizagem (LINHARES; ENUMO, 2020).

Todos nós sofremos com algum tipo de estresse, no entanto, é importante que ele seja administrável, e, se isso não ocorre, pode haver consequências, como o aumento dos níveis de cortisol e adrenalina no nosso corpo e da frequência cardíaca, o que provoca problemas de saúde físicos e também psicológicos (LOBO, 2020).

Durante uma pandemia, a população em geral apresenta reações provocadas por sentimentos de impotência, insegurança, desamparo e medo do futuro, pois a vida das pessoas está em risco e a economia, incerta. Os principais gatilhos para o estresse são: problemas nas redes familiares, necessidade de adaptação cultural, ansiedade, temor de contaminação pela alimentação e trabalho excessivo (ZWIELEWSKI *et al.*, 2020).

Pesquisas mostraram que pessoas que viveram situações semelhantes ao isolamento da pandemia do Coronavírus ainda apresentavam predisposição para os sintomas de estresse – como reações pós-traumáticas, depressão, abuso de álcool e comportamento evitativo em relação a outras pessoas – mesmo três anos após o fim da quarentena. Zwielewski *et al.* (2020) citam um estudo que mostra que a pandemia traz consequências psicológicas mesmo após o período de disseminação do vírus e, ainda, que a população em geral precisa de apoio psicológico diante deste tipo de estressor: uma pandemia.

Face à crise, as crianças podem desenvolver problemas psicológicos como medo, ansiedade, agressividade e distúrbios alimentares e do sono. Problemas de saúde mental infantil são desencadeados por fatores genéticos e biológicos, assim como fatores psicossociais – família desestruturada, doença na família, dificuldade no acesso à educação, problemas

financeiros. Os modificadores de ambiente causam estresse e aumentam a probabilidade do aparecimento de problemas emocionais (MATOS *et al.*, 2015).

O ambiente, considerado um evento estressor, será prejudicial para o indivíduo e a intensidade desse prejuízo depende de como os eventos estressores serão enfrentados pela família e pela criança, diante do contexto em que vivem. O ambiente influencia a saúde social e emocional da criança, e deve proporcionar bem estar, favorecer seu desenvolvimento normal. Crianças que sofrem com diversos eventos estressores na vida têm maior chance de desenvolver problemas emocionais e podem ainda manifestar um comportamento delinquente ou transtornos de conduta (MATOS *et al.*, 2015).

Assim, há riscos para o desenvolvimento, pois a criança ainda não tem recursos emocionais para compreender os estressores decorrentes dessa nova situação, e muitas vezes, sem o devido apoio dos pais ou cuidadores, quando elas lidam com situações estressantes tendem a apresentar sintomas como falta de apetite e problemas com o sono, o que prejudica o processo de aprendizagem, o desenvolvimento e a consciência das crianças.

A situação das crianças que enfrentam a morte de um familiar ou de pessoa próxima durante a pandemia se agrava, pois o fato desencadeia medo, ansiedade e perda de vínculos, o que leva a mudanças bruscas no dia a dia (COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2020).

Estudos realizados na China mostram que após o período pandêmico crianças de 3 a 6 anos apresentaram problemas comportamentais e emocionais, como distração, irritabilidade, medo de fazer perguntas sobre a pandemia e dependência dos familiares (COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA, 2020). As crianças acabam percebendo os impactos negativos da pandemia em diferentes níveis. Pesquisas revelaram que os efeitos do isolamento no cérebro das pessoas pertencentes aos grupos vulneráveis podem causar confusão mental, raiva e estresse pós-traumático.

Linhares e Enumo (2020) apontam que a pandemia causou impacto psicológico nas crianças, provocado de maneiras diferentes em cada sujeito, a depender do tipo de estressor – duração prolongada de confinamento; medo de infecção; frustração e tédio; informações

inadequadas; falta de contato pessoal com colegas, amigos e professores; falta de espaço pessoal e perdas financeiras na família.

A situação de isolamento social trouxe consigo uma série de consequências que podiam impactar na vida das pessoas como um todo, especialmente na vida das crianças, devidas não somente ao distanciamento social, mas também a alterações de rotina e formas de relações e às consequentes dificuldades de adaptação. Desse modo, o objetivo da pesquisa foi compreender as consequências psicológicas do isolamento social nas crianças em idade escolar e verificar possíveis prejuízos no desenvolvimento emocional e comportamental dessas crianças.

Aspectos metodológicos

A pesquisa foi baseada na coleta de dados através de questionário online na plataforma *Google Formulário (Google Forms)* – que foi disponibilizada de forma aleatória através de grupos de *WhatsApp* –, destinado aos pais ou responsáveis de crianças de até 7 anos. No questionário, respondido voluntariamente pelos participantes, constavam perguntas dirigidas e a opção de concordar ou não com a participação na pesquisa. Cabe destacar que somente os participantes voluntários, que aceitaram participar da pesquisa após acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e concordância com o Documento, responderam o formulário – os que não concordaram não tiveram acesso ao formulário de questões. Os dados foram coletados no período de uma semana (de 2 de janeiro de 2021 a 9 de janeiro de 2021) a partir da data do envio do formulário. A pesquisa foi encaminhada e aceita pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CAAE: 2 39313020.0.0000.8084/ Número do Parecer: 4.426.609).

Discussão e análise dos dados

A análise dos dados foi realizada a partir de todos os questionários respondidos durante

o período predeterminado de uma semana, sem critério específico de seleção, para evitar qualquer indução do conteúdo das respostas nessa análise. Cabe salientar que o questionário foi aplicado em janeiro de 2021, após os oito primeiros meses – março a dezembro de 2020 – de isolamento social decorrente da pandemia do Coronavírus.

Assim, depois do levantamento e da coleta de dados foi realizada a análise qualitativa desses dados organizados por unidades temáticas, a partir das quais foram selecionadas e discutidas as informações coletadas no questionário *online* e correlacionados os dados à teoria histórico-cultural proposta por Vigotski (2007). Após a conclusão do estudo, o resultado da pesquisa foi disponibilizado aos participantes nos mesmos grupos de *WhatsApp* aos quais tinham sido convidados no início da pesquisa.

O estudo teve como objetivo compreender o impacto do isolamento social nas crianças em idade escolar na situação de pandemia. Para tanto, foi criado no *Google Forms* o referido questionário, com questões que abrangeram a caracterização dos participantes voluntários – relacionadas ao tipo de vínculo que tinham com a criança, à idade, à área de atuação profissional, ao número de residentes na casa e ao número de filhos – e questões que abordavam mais diretamente a situação de isolamento social e as reações da família e da criança, com o cuidado de garantir o anonimato dos participantes voluntários.

A pesquisa contou com a resposta ao questionário de 44 participantes voluntários, dentre os quais 42 se identificaram como mães, 1 como pai e 1 como responsável, que não esclareceu o grau de parentesco. A idade predominante dos pais estava na faixa etária de 31 a 40 anos (27 respostas): 5 pais declararam-se abaixo dos 20 anos; 5, entre 21 e 30 anos; 7, entre 41 e 50 anos; e nenhum deles declarou ter mais de 50 anos. Os participantes afirmaram ser casados (42 respostas) e divorciado (1 pessoa), e 1 deles não respondeu. A pesquisa mostrou que a maioria deles está empregada (38 respostas) e que 6 não estão trabalhando. Vinte e dois participantes declararam ter trabalhado em casa, 21 dos respectivos cônjuges também trabalharam em casa, e 23 cônjuges não trabalharam em casa nesse período de isolamento social da pandemia.

A respeito da área de atuação dos participantes, transcrevemos as seguintes respostas

que apareceram no questionário: Comércio (3), Profissional Autônomo (1), Supervisão (1), Saúde (2), Administração (4), Terapeuta ocupacional (2), Gerente de projetos (1), Superior completo (1), Financeiro (1), Médica (2), Aeroporto (1), Advocacia ou Direito (3), Dentista (1), Fonoaudiologia (1), Representante Comercial (1), Educação (2), Corretora de seguros (1), Bancária (1), Psicologia (1), Terapeuta complementar (1), Nutricionista (1), Engenharia de automação (1), Logística (1), Industrial (1), Engenharia (1), Analista fiscal (3), Contabilidade (1), Montadora (1). Duas pessoas não declararam a área de atuação.

A maioria das residências dos participantes da pesquisa tem entre 2 e 4 moradores (40 respostas), sendo que 2 participantes declararam que até 2 pessoas moravam em suas residências, e 2 pessoas afirmaram que em suas casas habitam entre 5 e 6 pessoas.

Os participantes, em sua maioria, declararam que tinham uma rede de apoio aos cuidados com as crianças – avós, escola, creche – antes da pandemia (38 respostas), porém 12 disseram que não contavam com ela.

Com base nas respostas que os participantes voluntários deram nos questionários no que se refere à caracterização das crianças, constatamos que a maioria delas está na faixa etária de 4 a 7 anos (36 respostas) e a minoria, na faixa etária de 0 a 3 anos (8 respostas). Além disso, a maioria das crianças era do sexo masculino (23 crianças) e havia 21 participantes do sexo feminino. Os respondentes da pesquisa declararam que 27 crianças têm irmãos e 17 crianças não têm.

A maioria das crianças recebeu informações dos familiares referentes à pandemia (42 crianças) – apenas 2 não receberam tais informações. Os adultos responsáveis declararam que 35 crianças tiveram efetivo afastamento do convívio familiar (avós, tios e primos) e 9 crianças não se afastaram da convivência com a família. De acordo com as respostas, 32 crianças adaptaram-se e 12 crianças não se adaptaram à nova rotina. Os participantes voluntários informaram também que 40 crianças possuem acesso à internet e 4 não possuem esse acesso. Das crianças que possuem acesso à internet, 16 continuaram motivadas no aprendizado escolar e 28 perderam interesse no aprendizado após o início do sistema remoto de ensino.

Para o desenvolvimento da análise qualitativa da pesquisa utilizamos como base dois

eixos temáticos, como forma de compreender quais os impactos do isolamento social no desenvolvimento emocional e comportamental das crianças:

- Alterações do comportamento da criança durante o isolamento social na pandemia
- Alterações no comportamento da família

Alterações no comportamento da criança durante o isolamento social na pandemia

De acordo com as respostas dos participantes voluntários, a maioria das crianças teve efetivo isolamento social da família – tios, avós e primos –, conforme orientações do governo.

Mesmo crianças que não tiveram efetivo afastamento familiar nesse período (nove crianças) apresentaram alterações no comportamento, diante da situação de pandemia.

As mães que possuíam rede de apoio antes da pandemia, fosse de outros familiares ou de profissionais, afirmaram que seus filhos apresentaram problemas de comportamento.

A maioria dos participantes voluntários descreve que as crianças tiveram alterações no comportamento – as mais destacadas são: irritabilidade, ansiedade, tédio, nervosismo e transtornos alimentares (falta ou excesso de apetite). Cabe destacar que os participantes voluntários que descrevem alterações de comportamento da criança referem que outros integrantes da residência também apresentaram comportamentos diferentes durante a pandemia, como irritabilidade, impaciência, ansiedade e preocupações, alterações de sono e apetite.

Os participantes da pesquisa declararam que 7 crianças apresentaram regressão de comportamentos observados em outras fases do desenvolvimento e já superados antes da pandemia – elas, por exemplo, voltaram a usar chupeta ou retomaram o uso de fraldas – e que 37 não apresentaram nenhuma regressão no comportamento.

As crianças que possuem acesso à internet também tiveram acesso a aulas *online*, sendo que algumas continuaram interessadas no aprendizado e outras não. A maioria dos pais que responderam que as crianças não continuaram motivadas no aprendizado declarou que os filhos não se adaptaram à nova rotina. De acordo com as informações da pesquisa, a maioria

das crianças, nesse período, não se tornou mais dependente dos pais para brincar.

Com relação ao interesse das crianças em brincar, não houve um padrão de comportamento especificado. A maioria delas não perdeu o interesse nas brincadeiras (41) – 2 das 3 crianças que perderam o interesse em brincar tiveram preferência por assistir à televisão ou jogar *videogame* e 1 não declarou nenhuma outra preferência. Além dessas dificuldades citadas, os pais relataram que as crianças tiveram maior necessidade de assistir à televisão e utilizar celular ou *tablet* e apresentaram maiores dificuldades em lidar com regras.

É importante notar que os participantes da pesquisa declararam que as crianças não deixaram de brincar, mas quando lhes foi perguntado a respeito das brincadeiras favoritas das crianças, o uso de tecnologias apareceu em 16 respostas, aspecto que pode estar relacionado ao controle do acesso aos ambientes externos e outras situações decorrentes da condição de isolamento.

Alterações no comportamento da família

Conforme destacado na unidade temática anterior, foi identificado que a maioria dos participantes voluntários que observaram alterações de comportamento na criança também percebeu essas mudanças em si mesmo ou nos moradores da casa. Segundo dados da pesquisa, a maioria das crianças presenciou essas alterações no comportamento dos familiares, o que significa que a alteração no comportamento dos membros da família parece ter levado a alterações no comportamento das crianças. Da mesma forma, não podemos negar que alterações no comportamento das crianças também podem ter impactado no comportamento dos familiares, porque tanto as crianças quanto os adultos são afetados na interação social. É difícil, a partir dos dados da pesquisa, especificar a origem dessas alterações comportamentais, porém, o que podemos observar é que as alterações na rotina e nas relações, advindas da situação de isolamento, acarretaram mudanças comportamentais nos membros da família, independentemente de qual posição ocupem.

A maioria dos participantes voluntários destaca que não percebeu nesse período que a

criança tenha passado a depender mais do adulto para realizar suas atividades, como o brincar, mas os participantes que responderam que observaram maior dependência das crianças referiram que a maioria delas se mostrou mais disponível à essa solicitação (22 respostas).

As maiores dificuldades que os adultos que trabalharam (22 respostas) tiveram ao lidar com as crianças na pandemia foram relacionadas à “adaptação das atividades online das crianças” (32 respostas), “desobediência, dificuldade ao lidar com regras” (28 respostas) e “adaptação da nova rotina de trabalho” (16 respostas).

Os participantes voluntários descrevem que alguns membros da família tiveram alterações no comportamento, tais como: irritabilidade, impaciência, ansiedade e preocupações, e a maioria das crianças presenciou essas mudanças no comportamento dos familiares ou compartilhou delas.

Algumas mães que participaram da pesquisa destacam que, mesmo desempregadas nesse período, não conseguiram estar mais disponíveis para a criança (3 respostas). Dos participantes que não conseguem estar mais disponíveis, 2 declararam alterações no comportamento da criança e de membros da família e 1 mãe descreve mudanças no comportamento apenas da família. É o que observamos a partir de algumas respostas, como: “No começo da pandemia, houve maior dificuldade, mas tivemos que nos adaptarmos junto a escola e professores. Mas conseguimos finalizar o trabalho das crianças”; “E a criança sim, muito tempo em casa e com a mãe, acaba regredindo um pouco. As respostas afiadas. Mas acho que também tivemos tempo bom, pois, uma desacelerada, mais tempo com os filhos juntos”; “Tive que contratar ajuda para poder continuar trabalhando” (nesse caso, o participante voluntário descreve que precisou contratar uma babá para auxiliar nos cuidados com as crianças); e também: “Passou a ficar com uma prima da mesma idade de temperamento bem colérico. E como revezamos as casas para podermos trabalhar ficou brava e irritada e chorona.” Com o intuito de compreender os impactos nas crianças durante o isolamento social e os possíveis prejuízos psicológicos e comportamentais que elas tiveram, utilizamos como base duas unidades temáticas: “Alterações do comportamento da criança durante o isolamento social na pandemia” e “Alterações no comportamento da família”. A análise dos dados foi

qualitativa, apesar de utilizar dados quantitativos para compreender as características dos familiares das crianças e delas próprias, com o devido cuidado para manter o anonimato dos participantes.

No que diz respeito à unidade temática “Alterações no comportamento das crianças durante o isolamento social”, a pesquisa apontou que a maioria das crianças cumpriu o isolamento social, e mesmo as crianças que não cumpriram apresentaram alterações no comportamento. De acordo com os respondentes, as crianças demonstraram irritabilidade, ansiedade, tédio, nervosismo e transtornos alimentares (falta ou excesso de apetite), e os pais referem que eles também tiveram mudanças de comportamento e humor durante esse período. É importante destacar que as mudanças no comportamento das crianças refletiram-se em alterações do comportamento da família e impactaram a relação com os adultos que cercam essas crianças, o que denota a influência do outro no desenvolvimento.

Algumas crianças apresentaram também regressão no comportamento – voltaram a usar chupeta ou retomaram o uso de fraldas – e passaram a depender do adulto. A maioria das crianças teve acesso à internet e às aulas online, no entanto, algumas delas perderam o interesse no aprendizado e não se adaptaram à nova rotina.

O fechamento das escolas brasileiras no ano de 2020 provocou uma profunda alteração na rotina das pessoas. As crianças precisaram de mais atenção de pais ou cuidadores para suas necessidades, como alimentação, afeto e aprendizagem – este último um item inédito na rotina dos familiares.

O isolamento social levou a uma convivência mais intensa da criança com seus familiares, o que causou uma alteração estrutural no funcionamento da família. Pais que trabalharam em casa precisaram auxiliar nos cuidados com as crianças e conciliar afazeres domésticos, ou ainda enfrentar problemas financeiros e desemprego, e, às vezes, precisaram lidar com adoecimentos e perdas de familiares causados pela Covid-19. Conforme aponta Rego (2014), a aprendizagem da criança inicia-se muito antes de ela entrar na escola, ainda no seio familiar, no seu cotidiano; no entanto, essa aprendizagem é limitada. A criança, como ser social, desenvolve-se psíquica e socialmente através do outro, através do contato com a cultura.

Conforme pudemos verificar na unidade temática “Alterações no comportamento da família”, o ambiente familiar influencia diretamente a saúde mental e os comportamentos dos familiares, mesmo que apenas um integrante da família esteja com problemas ou apresente mudanças no comportamento. Presentes nesse contexto, no qual vivenciam suas experiências, na maioria das vezes as crianças podem se apropriar da carga negativa não somente da família, mas também da situação que vivem. A fala de um participante lembra que é preciso que o adulto tenha consciência do impacto de suas ações no comportamento da criança: “Uma questão importante seria se o responsável pela criança tem consciência sobre sua influência no comportamento da criança (exemplo transmitir sua ansiedade e preocupação), e se a família precisou de apoio psicológico para um dos membros ou para a família como um todo”.

A respeito do ambiente e dos fatores que influenciam no comportamento das crianças, Matos et al. (2015, p. 2158) acrescentam que,

apesar da influência genética e biológica, os fatores considerados psicossociais, como a família desestruturada, o desemprego, a pobreza e a dificuldade de acesso à saúde e educação, e os fatores ambientais, como doença na família, morte de alguém querido e até uma situação de divórcio, atualmente têm despertado a atenção dos pesquisadores por serem causadores de estresse, modificadores do ambiente e aumentarem a probabilidade do aparecimento de problemas emocionais interferindo no comportamento do indivíduo.

As maiores dificuldades dos adultos com relação às crianças durante a pandemia foram: adaptação das crianças às atividades *online*, desobediência ao lidar com regras e adaptação à nova rotina de estudo.

As alterações de comportamento mais frequentemente observadas nas crianças, de acordo com Matos *et al.* (2015), foram: irritabilidade, ansiedade, tédio e nervosismo, alterações no sono e alimentação.

As crianças reagem emocionalmente e manifestam: dificuldade de concentração, irritabilidade, medo, inquietação, tédio, sensação de solidão e alterações de padrão do sono e alimentação. Os familiares muitas vezes têm dificuldades ao lidar com as manifestações dessas crianças, pois já se encontram emocionalmente alterados por estar lidando com outros tipos de

estressores, e conseqüentemente ficam mais ansiosos e estressados (PASSOS, 2020). Esse aspecto reitera a influência do outro no comportamento das crianças, pois elas vivenciam e significam as experiências a partir dessa interação.

Na unidade temática “Alterações no comportamento da criança”, observamos que a maioria dos participantes voluntários da pesquisa respondeu que as crianças apresentaram, durante a pandemia, alterações de comportamento devidas aos mais variados motivos: isolamento social, contratação de auxílio aos cuidados com as crianças, convívio mais intenso com familiares, adaptações na rotina tanto da criança quanto do adulto.

A criança, ao deixar de frequentar a escola presencialmente, deixa de ter contato presencial com seus pares e com os professores. Vigotski, segundo Rego (2014), considera que a interação social é primordial para o desenvolvimento das funções intelectuais especificamente humanas do indivíduo inserido no grupo cultural, mediado por signos e pelo outro.

A respeito da educação escolar, Vigotski (2007) destaca que a escola tem papel primordial no desenvolvimento da criança. Ele afirma que o envolvimento da criança no mundo social e cultural é primordial para que o aprendizado efetivamente aconteça, pois é somente através da escola que pode ocorrer o desenvolvimento, e ele ocorre principalmente a partir do educador, quando ele assume o papel de mediador, aquele que organiza os conteúdos dos conhecimentos acumulados pela humanidade e engendra o desenvolvimento das funções psíquicas superiores – como a atenção voluntária, a memória lógica, o pensamento teórico e a capacidade de leitura e escrita – que ainda não estão formadas na criança (ASBAHR; NASCIMENTO, 2013).

Um aspecto evidenciado nas análises é o quanto a relação com o outro impacta a forma como a criança apreende e vivencia a realidade ao seu redor, ou seja, como ela afeta e é afetada por essa relação e as alterações que ocorrem nesse contexto social, seja na relação com os familiares ou na vida escolar. Afinal,

esse outro é um ser imerso numa sociedade e numa cultura determinante, e seus modos de amar, cuidar, ajudar e ensinar são constituídos por tradições,

estilos de vida, normas e valores que mudam no decorrer da história humana e condensam tendências que são compartilhadas com o grupo social (LAPLANE; BOTEGA, 2010, p. 19).

O comportamento das crianças durante o isolamento social – que, segundo os participantes, se caracterizou como período de “tédio e irritabilidade” – pode se justificar pelo fato de que elas conviveram muito tempo com os familiares e desenvolveram somente atividades cotidianas. Mesmo as crianças que possuíam acesso aos conteúdos online – disponibilizados pela escola, a equipe e seus pares e mediado pela tecnologia – deixaram de ter contato direto com o educador e os colegas, ou seja, deixaram de participar de outras vivências que possibilitassem novas formas de conhecimento.

Segundo Rego (2014), Vigotski denomina o aprendizado diário da criança de “conceitos cotidianos ou espontâneos”, que são os adquiridos através da experiência pessoal; e “conceitos construídos”, aqueles adquiridos na escola, também denominados de “conceitos científicos”. Ambos os conceitos se complementam e formam o que podemos chamar de “desenvolvimento de funções psicológicas superiores”, que exige da criança uma intensa atividade mental.

O desenvolvimento das funções psicológicas superiores inicia-se então na fase mais precoce da infância. O aprendizado escolar tem papel fundamental na formação de conceitos do indivíduo, já que traz o conhecimento que não está presente em seu cotidiano. A formação de conceitos não depende somente da sua vontade, mas também do meio em que ele está inserido (REGO, 2014).

Apesar do papel relevante ocupado pelo uso da tecnologia durante o período de isolamento social, o aprendizado mediado por equipamentos tecnológicos traz algumas dúvidas quanto à aprendizagem efetiva, baseada na teoria sócio-histórica de Vigotski (2007) no que remete ao efetivo processo de aprendizado mediado pelo outro. Primeiramente, precisamos considerar que o educador fica em dúvida se a criança compreendeu bem a tarefa, já que não existe contato direto com o aluno. Problemas tecnológicos podem surgir, como falta de energia, indisponibilidade de sinal de internet ou problemas nos computadores, e esses fatores influenciam o momento de contato com o educador e com os conceitos desenvolvidos pela escola.

Quanto ao aprendizado, a escola deve se preocupar com a metodologia e providenciar materiais adequados para a compreensão dos alunos, para que possam realizar as tarefas pelo computador, o instrumento mediador desse aprendizado. Esse conteúdo deve conter atividades que precisem de auxílio, de forma que possa ser mobilizada a Zona de Desenvolvimento Proximal do aluno. O conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal implica um processo através do qual as atividades ou conhecimentos que a criança ainda não consegue fazer sozinha podem ser feitos com o auxílio de um adulto, para que posteriormente ela seja capaz de realizá-los de maneira independente.

Outras questões que devem ser consideradas a respeito das aulas *online* são: o relacionamento aluno-aluno, que é também mediado pelo computador, e o suposto interesse da criança em manter contato com os outros colegas – caso ela não tenha esse interesse, essa vivência torna-se inexistente no contexto de pandemia e isolamento.

Dessa forma, novos estudos a respeito do uso da tecnologia são necessários para verificar a eficiência da formação de conceitos no indivíduo. O aprendizado online cumpre o papel de formação de conceitos?

Com relação ao baixo envolvimento social, um estudo com crianças portuguesas (SANTOS *et al.*, 2015) indica que elas apresentaram dificuldades posteriores em manter relações positivas com seus pares e pouca flexibilidade frente a novas situações – são caracterizadas como mais inibidas e com tendência a minimizar seus impulsos e emoções. Além disso, foram verificados também comportamentos agressivos associados à dominância, menos presentes nas crianças com baixo envolvimento social.

As crianças continuaram interessadas em brincar durante o isolamento social, e, quando perguntados sobre as brincadeiras preferidas delas nesse período, os respondentes do questionário destacaram o uso de tecnologias (TV, celular e *tablet*), o que pode estar relacionado ao controle de acesso aos ambientes externos, assim como ao fato de que crianças imitam as relações humanas, reproduzem as ações do adulto. As brincadeiras infantis mais citadas foram: brincadeiras populares – pega-pega, esconde-esconde, queimada etc. –, bicicleta, carrinho, boneca e pintura.

A maioria dos participantes voluntários da pesquisa declarou que as crianças não se tornaram mais dependentes dos adultos para brincar, e para a maioria das crianças que fizeram essa solicitação um adulto esteve disponível.

Um dado relevante trazido pelos participantes da pesquisa foi que as crianças permaneceram interessadas em brincar durante o isolamento social – os jogos são importantes para o desenvolvimento do psiquismo e exercitam a memória, o pensamento e a imaginação. Desse modo, cabe ressaltar como o brincar para a criança é importante, principalmente diante dessa situação específica, pois é através dessa atividade, em razão do prazer que ela proporciona, que a criança aprende a organizar as emoções. Brincar é também uma forma de ressignificar as experiências vivenciadas com relação à pandemia e ao isolamento social.

Considerações finais

A situação de isolamento social gerada pela pandemia da Covid-19, conforme descrições de estudos preliminares, ainda é um fenômeno recente com evidências de que pode acarretar alterações emocionais e comportamentais nas crianças. Desse modo, o presente trabalho objetivou compreender os impactos do isolamento social durante a pandemia nas crianças com idade escolar. Através da análise de dados observamos que a maioria das crianças, segundo a descrição dos participantes voluntários, apresentou alguma alteração de comportamento – as mais frequentes foram: irritabilidade, impaciência, ansiedade e preocupações, alterações de sono e apetite. Essas alterações de comportamento foram relacionadas às modificações na rotina da criança, como mudança de cuidadores, pais que agora trabalham em casa e alteração de comportamento da família – por exemplo, algum familiar que tenha também mostrado irritação, ansiedade e preocupações.

É importante compreender quais alterações de comportamento infantil aconteceram e sua relação com os aspectos do entorno para pensar possibilidades de minimizar impactos no desenvolvimento da criança. Para verificar as consequências futuras dos comportamentos das crianças são necessários novos estudos e observações da sua aprendizagem e do seu

desenvolvimento após o período de pandemia.

Os resultados da pesquisa mostraram também que a situação de pandemia causou um grande impacto no funcionamento da família brasileira, e os pais que tiveram que trabalhar em casa também tiveram que se adaptar a essa nova rotina de trabalho e às aulas *online* dos filhos, além de conciliar os efeitos psicológicos do isolamento social refletidos nas crianças, os afazeres domésticos e os cuidados usuais com seus filhos.

Para verificar a aprendizagem por intermédio da tecnologia que as crianças receberam durante a pandemia, também precisam ser desenvolvidos mais estudos, pois virtualmente os professores não conseguem se certificar de que os alunos compreenderam as tarefas e aprenderam eficazmente. Além disso, ambas as partes, alunos e professores, podem enfrentar dificuldades tecnológicas, como falhas na conexão da internet e problemas nos computadores ou celulares, o que pode influenciar no contato entre professores e alunos. A escola também precisa adequar a metodologia a ser utilizada para os alunos que estão aprendendo através das tecnologias.

Com relação aos tipos de brincadeiras realizadas durante o isolamento, as crianças ficaram limitadas. Os equipamentos eletrônicos, como computador, *tablet* e celulares, foram os mais utilizados, seguidos de brincadeiras populares – como pega-pega, esconde-esconde e queimada –, carrinho, bonecas e pinturas. O uso da tecnologia pode ter sido frequente devido à situação de isolamento social.

É necessário estimular o diálogo a respeito da pandemia com as crianças, de forma que consigam compreender o que está ocorrendo; no entanto, é importante considerar a estrutura parental para tais esclarecimentos, pois durante o confinamento, com a alteração da rotina e o acúmulo de tarefas, provavelmente os pais mostraram ter menos tempo disponível para os filhos.

Além do diálogo, é importante que as crianças tenham uma rotina dentro de casa que não seja ocupada somente por equipamentos eletrônicos, como televisão ou *tablets*, mas que elas continuem a ser estimuladas, assim como na escola, através de atividades como leitura, escrita, desenhos e jogos e, se a criança tiver irmãos, brincadeiras em conjunto com eles. Os

pais ou cuidadores precisam estimular essa nova rotina, auxiliando assim no desenvolvimento emocional da criança.

Referências

ALVES, P. P.; MANCEBO, D. Tecnologias e subjetividade na contemporaneidade. *Estudos de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 45-52, 2006.

ARAÚJO, E. S. A atividade do brincar e o desenvolvimento infantil na perspectiva histórico-cultural. *Revista Espaço Pedagógico*, Passo Fundo, v. 13, n. 2, p. 40-49, jul./dez. 2006.

ASBAHR, F. S. F.; NASCIMENTO, C. P. Criança não é manga, não amadurece: conceito de maturação na Teoria Histórico-Cultural. *Psicologia Ciência e Profissão*, Bauru, v. 33, n. 2, p. 414-427, 2013.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. *Psicologias – uma introdução ao estudo de psicologia*. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

COMITÊ CIENTÍFICO DO NÚCLEO CIÊNCIA PELA INFÂNCIA. *Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil*. 2020. Ebook. Disponível em: <https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Working-Paper-Repercussoes-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil-3.pdf> Acesso em: 8 ago. 2020.

FARO, A. *et al.* Covid-19 e saúde mental: a emergência do cuidado. *Estudos de Psicologia*, Campinas, n. 37, e200074, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200074>

LAPLANE, A. L. F.; BOTEAGA, M. B. S. A mediação da cultura no desenvolvimento infantil: televisão e alimentação na vida cotidiana das famílias. In: SMOLKA, A. L. B.; NOGUEIRA, A. L. H. (org.). *Questões do desenvolvimento humano: práticas e sentidos*. Campinas: Mercado das Letras, 2010.

LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia Covid-19 no desenvolvimento infantil. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 37, e200089, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>

LOBO, M. *Estresse e ansiedade*. Brasil: Central Gospel, 2020. EBook.

LUCCI, M. A. A proposta de Vygotsky: a psicologia sócio-histórica. *Revista de currículum y formación del profesorado*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 1-11, 2006.

MARTINS, A. D. F. *Processos de significação e o aluno autista*. 2013. 159 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, 2013.

MATOS *et al.* Eventos estressores na família e indicativos de problemas de saúde mental em crianças com idade escolar. *Ciência & Saúde Coletiva*, Pelotas, v. 20, n. 7, p. 2157-2163, 2015.

MORAES, M.; SILVA, C. M. Tecnologia e subjetividade: intimidade mediada por computadores. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 12, n. 19, p. 44-53, jun. 2006.

PASSOS, M. F. D. (coord.) *Atualização em saúde mental e atenção psicossocial em situações de pandemia Covid-19*. Brasília: Escola de Governo Fiocruz Brasília, 2020. (Curso na Modalidade à Distância).

REGO, Teresa C. *Vygotsky – uma perspectiva histórico-cultural da educação*. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SANTOS, A. J. *et al.* O reduzido envolvimento social: implicações para o ajustamento psicossocial de crianças em contexto pré-escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Lisboa, v. 28, n. 1, p. 186-193, 2015.

SETTON, M. G. J. Família, Escola e Mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

VIGOTSKI, L. S. *A Formação Social da Mente*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZWIELEWSKI *et al.* Protocolos para tratamento psicológico em pandemias: as demandas em saúde mental produzidas pela Covid-19. *Debates em Psiquiatria*, São Paulo, ano 10, n. 2, abr./jun. 2020.

Recebido em março 2022.

Aprovado em novembro 2022.